

# Triste abandono

Nahima Maciel  
Da equipe do **Correio**

**A** Galeria Athos Bulcão, no Anexo do Teatro Nacional, já foi área nobre para as artes plásticas em Brasília. Recebeu a exposição do Prêmio Brasília de Artes Visuais em 1998 e dezenas de outras mostras no decorrer do mesmo ano. Mas o espaço, antes lugar de celebração, funciona agora como cemitério. Fechado em agosto do ano passado, ele passou a abrigar parte das 1.100 obras do acervo do Museu de Arte de Brasília (MAB). Outra parte encontra-se guardada nas dependências do Anexo. Trata-se de patrimônio público avaliado em 8 milhões de dólares, segundo relatório da Secretaria de Cultura, assinado pelo atual diretor do museu, Cláudio Pereira.

As obras foram embaladas e trancafiadas na galeria à espera da eterna reforma do MAB. E estão lá há mais de um ano, vetadas ao público e sem os cuidados necessários à preservação. A galeria não tem nem sistema de controle de umidade nem ar condicionado. Resultado: fungos e rasgos danificam trabalhos de artistas brasileiros e de nomes mundialmente conhecidos, como Tomie Othake, Arcângelo Ianelli, Siron Franco, Fayga Ostrower e Rubem Valentim.

A primeira denúncia dos estragos, em agosto do ano passado, levou a 2ª Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural do Ministério Público a abrir uma investigação — ainda não concluída — para apurar o estado das obras. Documento apresentado pela Secretaria de Cultura revela que pelo menos 14 peças precisam ser restauradas.

Uma tela sem título de Tomie Othake, artista destacada do movimento neoconcreto brasileiro, foi premiada com um rasgo na lateral. A serigrafia *Emblema Serigráfico II*, de Rubem Valentim, tem manchas de acidez. Uma impressão da gravadora Fayga Ostrower abriga colônias de fungos em sua superfície. Sem contar a aquarela *Casarão*, do príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, classificada com a palavra "péssimo" no quesito estado de conservação.

As constatações também são da Secretaria de Cultura, que pre-

Edson Gês

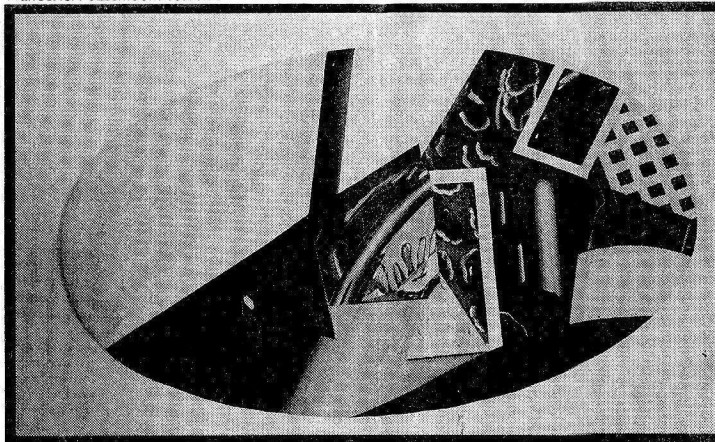


**PINTURA NOVA, JARDIM ARRUMADO, NOVA FIAÇÃO ELÉTRICA: REFORMA RECENTE NO PRÉDIO DO MAB SÓ NÃO TEM CONDIÇÃO DE ABRIGAR O VALIOSO ACERVO**

parou uma lista com as especificações das obras do acervo. Esse catálogo informal traz o título de cada trabalho, seu autor e avaliação do aspecto da obra. Uma contagem rápida revela que pelo menos 191 trabalhos precisam de boa limpeza e reformas nas estruturas de acabamento (como molduras e *passepapout* — a moldura da moldura). Manchas de tinta, arranhões e mofo também são algumas das interferências sofridas pelo acervo enquanto esteve guardado.

Até o primeiro semestre de 1998, a coleção do MAB — gravuras, esculturas, pinturas, fotografias e desenhos produzidos entre as décadas de 50 e 90 — permaneceu guardada no subsolo do próprio museu, no Setor de Clubes Norte. Eventualmente, uma seleção de obras era mostrada ao público em exposições esporádicas. Mas deficiências no sistema hidráulico e nas instalações elétricas comprometiam a segurança do prédio e o então secretário de Cultura, Hamilton Pereira, decidiu deslocar as

Wanderlei Pozzembom 13.11.90



**ACQUA VITAE, DE ANA BELLA GEIGER: FUNGOS E MANCHAS DE OXIDAÇÃO**

obras para uma sala no subsolo do Teatro Nacional.

"O teatro acabava de ser reformado, a sala ficava ao lado da administração e entendemos que a segurança era perfeita. Os técnicos podiam ficar em contato com o acervo", conta Evandro Salles, secretário-adjunto de Cultura no governo Cristovam Buarque.

Em outro relatório, datado de

julho de 1999, Cláudio Pereira fez uma lista de ações previstas para o museu. Entre outras, o atual diretor do MAB sugere a criação de um site, informatização do acervo e programa de visitas guiadas para grupos de estudantes. A proposta ficou apenas no documento e a Secretaria de Cultura, procurada pelo **Correio**, preferiu não comentar o assunto.

## ACERVO TEM PRECIOSIDADES

Ao longo de seus 14 anos de existência, o Museu de Arte de Brasília acumulou obras de artistas dos movimentos mais importantes das artes plásticas brasileiras. Um pequeno extrato da produção nacional modernista, pós-modernista e contemporânea. No escuro da Galeria Athos Bulcão, é possível encontrar telas de pintores como Tarsila do Amaral, Volpi, Iberê Camargo e Lygia Pape. Ou peças de Amílcar de Castro e Franz Weissman, expoentes primeiros da escultura neoconcreta brasileira. E ainda obras criadas por nomes que integram cenário internacional das artes contemporâneas, como uma instalação de Ernesto Neto, objetos de Cildo Meirelles, Leda Catunda, Tunga e uma pintura de José Leonilson.